

## **Anexos**

## **Índice de anexos**

1. Apresentação da atividade do Teatro - Sarau Cultural

2. Exercícios do Sarau

2.1. Desfolhada

2.2. Barreiro, um bairro de barro?

2.3. As vizinhas da entrada 17

3. Retratos... Espetáculo final

## 1. Apresentação da atividade do teatro - Sarau Cultural

O meu bairro não tem paredes

O que é um bairro?

O que são paredes?

Que histórias queremos contar?

Esta noite serão apresentados 3 pequenos exercícios teatrais, pequenos momentos preparados durante os nossos encontros semanais, 1 em cada bairro, onde durante 1 hora fazemos teatro.

**Desfolhada** fala-nos de uma tradição antiga de Sobrado e de tantos outros cantos do nosso Portugal. Uma tradição que todos gostam de manter e recordar. Ou não!

**Barreiro, um bairro de barro?** Paredes de barro. Paredes que protegem. Paredes que afastam. Como era a minha vida antes de aqui viver? Consegues sentir o que sinto? Sentes o que vejo? Sentes o que vivi? Vês o que sinto?

**As vizinhas da entrada 17** gostam de se sentar à entrada do prédio para conversar. E é nestas conversas, nestes encontros, que nos põem a par das mudanças que têm ocorrido no nosso bairro e nas que ainda poderiam ocorrer para ele ser ainda melhor.

3 bairros, 3 exercícios, numa pequena mostra do que cada grupo de teatro tem feito e do que ainda pretende fazer.

No futuro, poderão ser estas, poderão ser outras histórias. No teatro tudo pode ser o que gostamos que seja. E amanhã que histórias queremos contar?

## 2. Exercícios do sarau

### 2.1. Desfolhada

**Texto:** *(Em palco Albertina, Laura e Matilde a desfolharem o milho e a cantarem.)*

Laura: Que saudades tenho dos tempos em que nos juntávamos todos à volta do milho para a desfolhada.

Matilde: Também eu! Cantávamos, dançávamos, era uma alegria!

Laura: Olha, trouxeste o café e as castanhas?

Matilde: Trouxe, estão aqui.

Laura: Então e a tua nora não disse que vinha também ajudar, ela e as amigas?

Matilde: Passei lá em casa, antes de vir, mas já lá não estava... Deve ter tido que fazer de manhã cedo... Mas se disse que vinha, ainda vem. Ela quando promete, cumpre.

Laura: Ai... Só nós para mantermos esta tradição. Agora é tudo com máquinas: a sementeira, a colheita e a desfolhada.

Matilde: Tens razão... Agora é tudo industrial... Perdem-se as tradições, perde-se o convívio...

Laura: Estas modernidades estão a afastar as pessoas... Elas já estão a demorar!

*(Entram a Joana, a Susana e a Vanessa, vindas duma festa. Todas “agarradas” ao telemóvel e a bocejar e espreguiçar.)*

Susana: Bom dia!

Matilde: Vês já cá estão. Devem ter ido tratar de algum assunto importante logo de manhã.

Vanessa: Foi, foi, um assunto importantíssimo. *(Vira-se para a Joana e riem-se as duas.)*

Laura: Vá sentai-vos aqui à nossa beira. Ainda temos muito que desfolhar até à hora do almoço.

Matilde: E a mim já me está a apetecer um café e umas castanhas.

Susana: Um café é que era uma boa ideia.

Joana: Ai não. Também precisava!

Vanessa: A quem o dizes! (*Vira-se novamente para a Joana e riem-se.*)

Susana: Mas isto não era mais fácil se fizéssemos como toda a gente e usássemos máquinas para fazer o trabalho?!

Matilde: E perdia-se o convívio...

Vanessa: Convívio? E isto é algum convívio?

Joana: Temos que levá-los uma noite connosco para uma festa para verem o que é convívio.

Vanessa: Mesmo!

Susana (*virada para joana e Vanessa*): Olhem! Já há fotos de ontem no Insta!

Vanessa: Hei lá! Partilha no Face.

Susana: Partilhado!

Vanessa: Tu não falhas!

Joana: Chegou convite.

Susana e Vanessa: Onde?

Joana: No Face. Próxima festa é já no próximo fim de semana.

Susana e Vanessa: Oh Ya! Estamos nessa!

Joana: É noite branca.

Vanessa: Adoro noites brancas! Comprei um vestido ideal para isso.

Susana: Eu ainda vou ter que ir comprar uma toilette.

Joana: Eu vou contigo! Vamos amanhã.

Joana (*encontra o milho rei*): Ui! Que é isto! Milho Radioactivo!!??

Vanessa: Mesmo! Esse deve estar estragado, deita fora.

Laura: É o milho rei, palermas!

Matilde: Ai, o milho rei! Ainda te lembras a festa que era quando encontrávamos o milho rei?

Laura: Se lembro! Era a nossa oportunidade de darmos um beijo ao namorado.

Matilde: É verdade... Ai... (*Suspira*)

Susana: Mas afinal que história é essa do milho rei?

Vanessa: E dos namorados?

Matilde: Quando encontrávamos o milho rei...

Laura: Ou o milho rainha.

Matilde: Sim também o milho rainha, tens razão. Levantávamo-nos e íamos dar um beijo e um abraço a todos os que estavam na desfolhada.

Laura: E era assim que tínhamos oportunidade de dar um beijo e um abraço ao nosso amado!

Joana: LOL

Vanessa: Mesmo! LOL. Olha agora precisar de encontrar milho para dar um beijo ao meu namorado... Ai era!

Susana: Deixai lá, isso eram outros tempos.

Laura: Já estou com fome! Vamos comer umas castanhas e beber um café.

Susana: Estava a ver que não...

Vanessa: Esperem ainda falta fazermos a Selfie!

*(Põe-se tudo em pose para a foto e a Vanessa faz a selfie.)*

### **Sinopse**

Desfolhada fala-nos de uma tradição antiga de Sobrado e de tantos outros cantos do nosso Portugal. Uma tradição que todos gostam de manter e recordar. Ou não!

### **Ficha artística**

Interpretação: Albertina Sousa, Cláudia Susana, Joana Trindade, Laura Barros, Matilde Santos, Vanessa Pinto.

Encenação: Leonel Ranção

Criação: coletiva a partir de textos originais

## 2.2. Barreiro, um bairro de barro?

### **Texto**

Numa casa as paredes são tudo. Para uma casa estar de pé tem que ter paredes.

Paredes são barreiras que não deixam passar. Se o meu bairro não tem paredes é porque toda a gente pode entrar e sair.

Paredes são o revestimento de uma casa.

Paredes são um objeto que nos protege.

As paredes separam.

O meu bairro é a minha casa. Gosto muito da minha casa. Foi aqui que vivi com os 4 filhos, vieram para cá pequenos. Agora já são grandes e não vivem comigo. O meu bairro tem muitas árvores.

A boneca é a primeira recordação que tenho do meu bairro. Uma pessoa muito importante na minha vida deu-me esta boneca quando vim viver para cá. Não consigo dormir sem ela.

Bairro não existe, é só uma palavra. É a casa onde sou feliz e onde criei os meus filhos.

Esta manta serve para eu não ter frio.

Quando vim para o bairro aprendi a andar de chinelos. Antes andava sempre descalça. Os chinelos são importantes, são higiénicos. De onde vim não tinha tecto e este bairro não tem paredes.

O meu bairro é fixe | Mas quando há problemas todos ficam tristes | Eu gosto de viver aqui | Porque foi aqui onde os meus pais me viram crescer

Vivia numa cave sem condições. Não tinha água, não tinha quarto de banho.

Vivia num barraco sem condições.

Vivia numa pensão sem condições.

Sempre vivi cá.

Quando cá cheguei senti-me contente e alegre. Finalmente tinha uma casa com condições.

Fiquei feliz quando cá cheguei. Mas ainda não me consigo habituar às paredes.

A casa era um mundo!

Tive que dormir no chão porque ainda não tinha mobília. Mas as recordações são muito boas.

Apesar de não ter condições, gostava do meu barraco. Aqui sinto-me presa entre paredes.

Era feliz lá. Os momentos mais felizes foram o nascimento dos meus filhos.

Lá as pessoas eram humildes mas as condições não eram boas, por isso vim para cá.

Foi aqui no ATL do bairro que aprendi a assobiar.

### **Sinopse**

Barreiro, um bairro de barro? Paredes de barro. Paredes que protegem. Paredes que afastam. Como era a minha vida antes de aqui viver? Consegues sentir o que sinto? Sentes o que vejo? Sentes o que vivi? Vês o que sinto?

### **Ficha artística**

Interpretação: Maria José Penela, Maria Olinda Costa, Maria da Conceição Prudêncio, Hugo Vale, Mara Monteiro, Érica Monteiro, Hélder Monteiro, Diana Reis, Rosa Vale.

Encenação: Leonel Ranção

Criação: coletiva a partir de textos originais

## **2.3. As vizinhas da entrada 17**

**Texto** (*Sentadas na entrada do prédio: Arminda a fazer tricot, Fátima a ler uma revista, Maria José a ler o jornal, Nuno a jogar no telemóvel, Ana e Laura a brincarem à macaca. Chegam Olinda e Conceição.*)

Olinda – Olá vizinhas!

Todas: Olá!

Olinda: (*para Maria José*) Então há notícias frescas no jornal?

M. José: Frescas e boas!

Conceição: Boas é o que nós queremos.

Fátima: Se forem tão boas como as obras no prédio, dispenso!

M. José: Quais obras?

Fátima: Pois... Quais obras? As que prometeram e nunca mais começam.

Conceição: Já começaram! O prédio da minha prima já está pronto, está lindo, nem parece o mesmo.

Olinda: Já acabaram nesse e já começaram no da minha nora.

M. José: Pois, três meses no primeiro prédio, este em um mês já está quase pronto.

Fátima: Quando chegarem ao nosso vão despachar a obra em 2 semanas.

M. José: ou menos!

Olinda: É bom sinal, é porque os obreiros aprenderam e agora trabalham mais rápido.

Fátima: É! E vão deixar a obra bem feita.

M. José: Ou não!

Arminda: Vocês só se queixam!

M. José: E com razão! Quando para cá vim tínhamos um parque para as crianças e agora não têm nada para brincar.

Fátima: O meu Nuno adorava brincar nos baloiços e no escorrega.

Nuno: Eu já não preciso nada disso...

Laura: Mas eu gostava de ter um parque para poder brincar.

Arminda: No meu tempo as crianças não precisavam nada dessas coisas. Era eu que fazia, em casa, as bonecas de pano para brincarem.

Ana: Mas eu também gosto de andar a brincar na rua com as minhas amigas.

M. José: O campo de jogos está todo degradado.

Fátima: Até as balizas tiraram.

Conceição: As balizas estavam soltas e podiam cair em cima de alguém, por isso ainda bem que as tiraram, eram um perigo!

Olinda: E se está assim degradado é porque quem o utiliza não tem cuidado e não cuida bem dele.

M. José: Mas mesmo assim faltam espaços de divertimento para as crianças e os jovens.

Fátima: Os nossos filhos não têm nada para se divertirem e conviverem uns com os outros.

Nuno: Eu não preciso nada disso...

Laura: Mas eu gostava de ter coisas para poder brincar com as minhas amigas.

Arminda: O que é preciso é inventar! Eu nunca comprei nada para os meus filhos brincarem, era tudo feito por mim: as bonecas, os carrinhos...

Ana: Mas isso era antigamente. Nós gostamos de nos divertir cá fora e conviver uns com os outros.

M. José: Até para nós. Não há nenhum espaço de convívio abrigado. Tem algum jeito estarmos aqui à porta do prédio?

Fátima: E se chove, nem aqui podemos estar.

Olinda: Mas o nosso bairro já está a melhorar.

Conceição: Já temos ecoponto para fazer reciclagem.

Olinda: O campo de futebol, apesar de pouco cuidado, é um bom espaço para divertimento.

M. José: É pena que ainda há quem não entenda que temos que cuidar do que é nosso.

Fátima: Pois! Só assim se consegue ter tudo em bom estado.

Conceição: Há muita falta de civismo.

Olinda: E as atividades?

Fátima: Ai as atividades sim. São ótimas para ocuparmos o tempo e fazer coisas interessantes.

Ana e Laura: É verdade. Nós adoramos participar nas atividades.

Fátima: O meu nuno adora o Karaté.

Nuno: Disso sim, eu preciso!

### **Sinopse**

As vizinhas da entrada 17 gostam de se sentar à entrada do prédio para conversar. E é nestas conversas, nestes encontros, que nos põem a par das mudanças que têm ocorrido no nosso bairro e nas que ainda poderiam ocorrer para ele ser ainda melhor.

***Ficha artística***

Interpretação: Maria Arminda Martins, Maria Olinda Sousa, Maria de Fátima Moreira, Nuno Moreira, Maria José Pinto, Laura Santos, Conceição Sousa.

Encenação: Leonel Ranção

Criação: coletiva a partir de textos originais

### 3. Retratos... Espetáculo final

#### **Textos**

##### Retrato de Margarida

Arminda: Margarida vivia numa casa pequena, muito pequena. Vivia num anexo que ficava numa ilha. A ilha não tinha mais que 6 ou 7 casas. Era o seu lar.

Bárbara: A casa não tinha condições. Não era boa, chovia lá dentro e escorria água pela parede abaixo. Não tinha eletricidade, nem água. Todas as casas eram velhas e não tinham condições. Mas o senhorio não fazia obras.

Fátima: Margarida tinha muitos problemas psiquiátricos. Foi internada várias vezes e fez tentativas de suicídio. A vizinha preocupava-se com ela. Tinha a chave de casa e se estivesse muito tempo sem aparecer, ficava preocupada e ia lá ver se tinha acontecido alguma coisa.

Bárbara: Margarida passou fome e a vizinha dava-lhe de comer. Levava-lhe um prato de comida igual ao que comiam em casa.

Maria: A casa ficava mesmo à beira da linha do comboio. E tinha o cemitério atrás. As memórias que Margarida guarda desse tempo são muito boas e ainda estão bem presentes. Lembra-se bem de quando ia ao rio Leça lavar a roupa e de a pôr a secar ao sol.

Fátima: Foi nessa casa que Margarida teve os filhos e onde os criou. Margarida estava grávida de 42 semanas quando, às 10 da manhã, deu entrada no hospital de São João.

Bárbara: Foi observada pelo médico e informada que o parto seria ao meio dia. O tempo prolongou-se até que começou a sentir contrações. Ao longo da tarde essas contrações começaram a ser muito seguidas.

Fátima: Deu-se então início ao parto e pouco depois, com a sua ajuda e ajuda da médica, nasceu o seu filho.

Arminda: Colocaram-no em cima dela para o poder sentir.

Bárbara: Perguntaram-lhe se queria cortar o cordão umbilical e ela disse que sim.

Fátima: Com a ajuda da médica e com as poucas forças que lhe restavam, cortou o cordão. Ao olhar para o filho reparou numa mancha no peito esquerdo.

Arminda: Depois de dar o primeiro choro a médica levou-o para tratar dele. Mais tarde, depois de ser tratada, levaram-na para o quarto.

Maria: Por volta das 22h trouxeram o filho para a sua beira e deitaram-no no berço.

Bárbara: Margarida olhou para ele, observou-o com atenção e foi ver a mancha de nascimento do lado esquerdo do peito. A mancha estava lá e foi assim que ela reconheceu o seu filho.

Arminda: Tratou então dele.

Maria: Deu-lhe o peito e cuidou dele. E continuou a cuidar dele até agora e para sempre.

Fátima: Desde pequeno e até hoje, o sonho deste filho é ser bombeiro.

Bárbara: As recordações que Margarida tem desse tempo são muito boas, tão boas que se a casa tivesse condições nunca se teria mudado.

Maria: No dia que entrou em casa ficou contente mas ao mesmo tempo sentiu tristeza por deixar a terra onde nasceu e foi criada.

Fátima: Na realidade Margarida veio para cá contrariada. Mas ficou encantada com a casa.

### Barreiro

Diana: Vivi numa cave sem condições. Não tinha água, não tinha quarto de banho.

Érica: Nessa cave levei muita porrada. Fui vítima de violência doméstica. Uma vez ele queimou-me com água quente.

Hugo: Nessa cave passei muita fome. Cozinhava numa panela de fritar batatas porque não tinha gás, porque não tinha dinheiro para comprar. Às vezes as pedras pareciam pão.

Conceição: Trabalhava. Tinha 5 filhos menores. Todos eles tinham problemas de saúde.

Arlinda: Vivi num barraco sem condições. Mas apesar de não ter condições, gostava do meu barraco. Era feliz lá. As pessoas eram humildes apesar das condições não serem boas.

Olinda: Os momentos mais felizes foram o nascimento dos meus filhos.

Diana: Vivi numa pensão sem condições. Vivia num quarto. Enquanto lá vivi, tudo era triste.

Érica: Vivia entre 4 paredes e tinha uma casa de banho que era para todos os hóspedes, não tinha condições nenhuma.

Hugo: Quando morava no quarto tudo era triste. A minha vida só mudou quando vim viver para o bairro. Agora tenho uma casa e tenho tudo. Tenho alegria.

Maria José: O meu bairro tem muitas árvores. O meu bairro é a minha casa. Gosto muito da minha casa.

Olinda: Foi aqui que vivi com os 4 filhos, vieram para cá pequenos. Agora já são grandes e não vivem comigo.

Diana: Quando vim para o bairro aprendi a andar de chinelos. Antes andava sempre descalça. Os chinelos são importantes, são higiénicos.

Hugo: Quando cá cheguei senti-me contente e alegre. Fiquei feliz. A casa era um mundo! Tive que dormir no chão porque ainda não tinha mobília. Mas as recordações são muito boas. Finalmente tinha uma casa com condições.

Mara: Agora estou alegre porque tenho uma casa. Mas ainda não me consigo habituar às paredes. Aqui sinto-me presa entre paredes. São barreiras que não deixam passar. As paredes separam.

Érica: Mas as paredes também protegem, são o revestimento de uma casa. Numa casa as paredes são tudo. Para uma casa estar de pé tem que ter paredes.

Mara: Se o meu bairro não tem paredes é porque toda a gente pode entrar e sair.

Olinda: A primeira recordação que tenho do meu bairro é uma boneca. Foi uma pessoa muito importante na minha vida que me deu quando vim viver para cá. Não consigo dormir sem ela.

Arlinda: O meu bairro é fixe. Mas quando há problemas todos ficam tristes. Eu gosto de viver aqui porque foi aqui onde os meus pais me viram crescer

Hugo: Gosto do meu bairro mas gostava que a farmácia e o supermercado fossem aqui mais perto.

Maria José: Bairro não existe, é só uma palavra. É a casa onde sou feliz e onde criei os meus filhos.

Todos: De onde vim não tinha teto e este bairro não tem paredes.

## ***Sinopse***

Retratos...

Retratos são palavras. Retratos são imagens. Retratos são lugares. Retratos são tempos. Retratos são...

O nosso lugar e o lugar do outro. O nosso tempo. O que passou e o que ainda está a passar. As imagens que guardamos. As palavras que dizemos.

Retratos de lugares... Lugares que já não nos pertencem. Lugares que marcam o nosso passado. Lugares que conquistamos. Lugares que partilhamos.

E o tempo? O tempo que nos fez felizes. Os momentos que preservamos. O tempo que passa e não pára, o tempo que passa e não nos pára. O tempo que ainda nos faz felizes.

Estamos aqui e onde estivemos fez de nós o que somos. E onde estamos faz de nós o que queremos ser.

E por vezes sonhamos...

E desses sonhos criamos realidades.

E estas realidades são as histórias que queremos contar. As nossas... E as de Sophia que faria 100 anos...

## ***Ficha artística***

Interpretação: Arlinda Correia, Arminda Martins, Barbara Barros, Conceição Prudêncio, Diana Reis, Fátima Moreira, Hugo Vale, Mara Monteiro, Maria José Penela, Maria José Pinto, Nádía Monteiro, Nuno Moreira, Olinda Costa, Olinda Sousa

Encenação: Leonel Ranção

Criação: coletiva a partir de textos originais e adaptados de Sophia de Mello Breyner Andresen